

CARACTERÍSTICAS PRIMORDIAIS EPISTEMOLÓGICAS DA DOMINAÇÃO SOCIAL QUE FUNDAMENTOU ESTRUTURALMENTE A DESIGUALDADE SOCIAL BRASILEIRA

Leandro Barros Ribeiro¹

RESUMO: O texto explora as bases epistemológicas da dominação social que estruturam a desigualdade no Brasil, utilizando a sociologia compreensiva de Max Weber como referência teórica. O estudo enfatiza a análise de condutas e ações sociais individuais para compreender os processos estruturais de desigualdade, destacando o papel da ação social como central à sociologia weberiana. Ele também aborda a "neutralidade axiológica", defendida por Weber como forma de minimizar vieses do pesquisador, preservando a objetividade na interpretação das ações sociais. A investigação relaciona a formação histórica brasileira, marcada pela escravidão, com o racismo estrutural e as desigualdades socioculturais contemporâneas, destacando o uso de narrativas ideológicas pelas elites para legitimar sua dominação. A metodologia macro-micro-macro de Weber é aplicada para mostrar como fenômenos macroestruturais emergem de interações individuais e microestruturais, criando uma interdependência entre cultura e estrutura. O trabalho conclui que o racismo e as desigualdades sociais são perpetuados por processos históricos e estruturais, e sugere aprofundar estudos sobre os impactos de tais dinâmicas no Brasil e na América Latina. A pesquisa reforça a necessidade de análises críticas e decoloniais para desvelar mecanismos de exploração e exclusão, propondo uma abordagem interdisciplinar para enfrentar essas questões.

PALAVRAS-CHAVE: Dominação Social; Sociologia Compreensiva; Desigualdade Estrutural; Racismo Estrutural.

1. COMPREENDENDO AS BASES METODOLÓGICAS

Com a preocupação de apresentar, com maior nível de detalhamento, a principal referência metodológica utilizada nesta investigação, julgamos ser necessária a abordagem de alguns pontos fundamentais do método organizado por Max Weber. Buscando garantir a qualidade do estudo realizado, ao longo de todo o seu processo, foram aplicados os caminhos metodológicos sugeridos por este pensador, como a forma mais fidedigna de compreensão de realidades sociais complexas, quando se tem, como no caso em tela, o propósito de verificação dos sentidos de determinadas condutas e de ações sociais de indivíduos participantes da sociedade, em contexto histórico específico.

A seguir destacam-se as perspectivas teóricas da sociologia weberiana que foram utilizadas neste trabalho, que possibilitaram a condução da investigação e a coleta de dados por meio da revisão de literatura realizada e que, após terem sido

¹Bacharel em Sociologia. professorleandro.ribeiro@gmail.com

interpretados e analisados de acordo com as premissas de Weber, permitiram proposições manifestadas como resultados finais.

1.1 A sociologia compreensiva de Max Weber

As contribuições do pensamento de Max Weber se inserem historicamente em fins do século XIX e início do século XX, onde se processavam as primeiras disputas sobre a metodologia das Ciências Sociais europeias, criando-se um movimento que buscava fazer uma evidente separação com as Ciências Naturais, que já possuíam notoriedade de desenvolvimento (TOMAZETTE, 2008). O método compreensivo proposto por Weber se apresentava como o mais ideal para as Ciências Sociais, em contraposição ao método explicativo, que era reconhecido como o adequado para as Ciências Naturais (Idem, 2008).

As Ciências Sociais (ou Ciências do Espírito) se caracterizariam, sobretudo, pela identificação do sujeito e do objeto, isto é, os “seres humanos como objetos desta ciência, agentes socialmente competentes, que interpretam o mundo que os rodeia para melhor agirem nele e sobre ele” (SANTOS, 2003, p. 56). Por sua vez, explica o autor, nas Ciências Naturais são estudados objetos que são exteriores ao sujeito, como os animais, planetas, materiais. E ainda, as Ciências Sociais se caracterizam pela unidade inseparável dos julgamentos de fato e de valor, e pela necessidade de compreender a significação vivenciada dos fatos sociais, enquanto que as Ciências Naturais podem se limitar a uma explicação exterior dos fenômenos, não necessitando compreendê-los (Ibidem, 2003).

Max Weber construiu um programa de pesquisa científica onde havia um núcleo firme, ou seja, uma condição básica que não pudesse ser imediatamente falsificada, portanto, considerado passível de retransmissão, aceita por convenção provisória e protegido por um cinturão de teorias, onde aí se desenvolveriam a heurística positiva e negativa (SCHLUCHTER, 2021). Esta heurística, em outras palavras, o processo metodologicamente criado com o objetivo de se encontrar soluções para um dado problema, deveria ter a sua vertente positiva (heurística positiva) - o que poderia ser refutável, modificado ou aperfeiçoado - e a sua vertente negativa (heurística negativa) – que seriam as ideias perenes, consideradas irrefutáveis dentro do programa de pesquisa (Idem, 2021).

Ao contrário de Émile Durkheim e de Karl Marx, Max Weber não buscava a análise do todo, da sociedade de forma geral, para procurar compreender as suas partes, ou seja, as pessoas e as instituições; de forma diferenciada, procurava entender os indivíduos para, a partir de suas condutas e ações, organizar uma compreensão da sociedade (DA PAIXÃO, 2012). Weber formulou uma sociologia

compreensiva como uma ciência empírica da ação humana, uma sociologia com toda a rigorosidade necessária de método e de objeto (SCHLUCHTER, 2014).

O núcleo firme do programa de Weber era a Antropologia² e a sua suposição era de que: “o homem, como um ser sensorial e sensato, é capaz de conduzir a sua vida” (SCHLUCHTER, 2021). A sociologia weberiana procurava compreender como o ator ou agente dava sentido à sua conduta, ou seja, à sua ação social, que poderia ser racionalmente orientada, uma vez que, para ele, o indivíduo seria sempre portador de uma intencionalidade (DA PAIXÃO, 2012). Em perspectiva comparada, Weber procurou analisar as condutas de vida relacionando condições passadas e modernas, através de uma sociologia interpretativa, tendo como premissa o entendimento de que o indivíduo seria orientado para objetivos com significados (SCHLUCHTER, 2021).

Max Weber defendia que examinar o indivíduo e a sua intencionalidade poderia ajudar a compreender os comportamentos individuais, de grupos e de instituições (DA PAIXÃO, 2012). O método da sociologia compreensiva pregava que a ação do sujeito deveria ser explicada de maneira compreensiva, ou seja, esta ação deveria ser significativamente compreendida e, dessa forma, ser causalmente explicada no seu curso e nos seus efeitos (SCHLUCHTER, 2014). Esta sociologia weberiana seria uma ciência que pretendia compreender interpretativamente a ação social (WEBER, 1998).

Os sentidos atribuídos pelo indivíduo à sua ação podem ser muito variados, sendo, portanto, um ponto chave na sociologia weberiana (DA PAIXÃO, 2012). Assim sendo, a sociologia compreensiva buscava determinar qual o sentido das ações sociais, ou seja, compreender por que os indivíduos realizavam determinados comportamentos (Idem, 2012).

A sociologia compreensiva, como ciência empírica da ação, possuía como marcas distintivas, a compreensão e a explicação combinadas como “compreensão explicativa” ou como “explicação compreensiva”, onde o “motivo”, ao mesmo tempo sendo “justificativa” e “motivação”, poderia ser analisado como “causa”, em outras palavras, um “motivo significativo” (SCHLUCHTER, 2014). Assim sendo, a

² A **Antropologia** é uma ciência das humanidades que estuda as diferenças entre várias culturas, povos e grupos sociais, surgindo do encontro do mundo ocidental com os “outros” mundos, das “descobertas”, feitas pelos europeus (MOSCAL & FRIGO, 2020). Segundo as autoras, a Antropologia, principalmente a Antropologia social, nasceu do encontro mencionado e do etnocentrismo, mas buscou superá-lo ao longo de sua história, e ainda procura superar as explicações do senso comum sobre a diversidade humana. A Antropologia, explicam, entende os seres humanos com características biológicas e comportamentais em comum, no entanto, busca explicar como vivem de formas tão distintas, sendo que cada uma destas formas não são, de forma alguma, mais corretas ou melhores que as outras possíveis. Para Bronislaw Malinowski, o objetivo da Antropologia seria compreender o funcionamento das instituições e suas relações (políticas, religiosas, morais, econômicas etc.), que estariam ambas ligadas a um determinado sistema cultural (RIBEIRO, 2016). A cultura, para Malinowski, teria como finalidade unicamente satisfazer as necessidades humanas primárias, por isso o foco de análise da Antropologia não deveria ser a cultura em si, mas as instituições sociais, ou seja, os elementos concretos da cultura, uma vez que são estes que organizam e regulam a ação humana (Idem, 2016).

compreensão explicativa seria uma compreensão motivacional da ação social analisada (Idem, 2014).

1.2 O objeto de estudo da sociologia, na visão de Max Weber

O objeto de estudo da sociologia, para Max Weber, seria a ação do indivíduo isoladamente considerado, incluindo-se também o omitir ou o permitir, caracterizados por um sentido (subjetivo) em relação a certos objetos, seja esse sentido já dado, seja ele intencionado, consciente ou não (SCHLUCHTER, 2014). Essa relação da ação com objetos inclui entes físicos, culturais e sociais, ou seja, também outros indivíduos (Idem, 2014). A ação social, na sociologia weberiana, é uma atitude tomada pelo indivíduo influenciado por outros indivíduos, sendo, portanto, um comportamento que possui um sentido orientado pela ação dos outros (DA PAIXÃO, 2012).

Para apreender um comportamento como ação, o raciocínio causal demanda que o seu significado seja captado, por mais precário que esse procedimento possa ser e, dando seguimento à análise deste significado, após a interpretação deve se seguir a “prova da experiência”, devendo haver sempre uma congruência entre adequação de sentido e adequação causal (SCHLUCHTER, 2014). A ação social só ocorre quando o indivíduo atribui um sentido à sua conduta, havendo uma relação significativa desta conduta com o comportamento dos outros indivíduos, o qual é levado em consideração no seu ato (DA PAIXÃO, 2012).

A própria sociologia como ciência, para Max Weber, tem a missão de compreender, significativamente e explicar causalmente, em seu curso e em seus efeitos, a ação social (SCHLUCHTER, 2014). O objeto de estudo da sociologia, para Weber, é a captação de sentido destas ações sociais (TOMAZETTE, 2008). O objetivo primordial da sociologia weberiana, compreensiva, não consiste em explicar exclusivamente as ações individuais, mas também as formas e os processos de estruturação social (SCHLUCHTER, 2014).

Tendo, portanto, a ação social destaque básico na Sociologia Compreensiva, torna-se relevante detalhar suas características mais importantes, o que será feito a seguir.

1.3 A ação social em detalhes, objeto da sociologia weberiana

Ação, puramente, seria qualquer conduta humana e ação social pode ser entendida como uma “ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, refere-se ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu

curso” (WEBER, 1998, p. 3). Já a relação social seria a “conduta de múltiplos agentes que se orientam reciprocamente em conformidade com um conteúdo do próprio sentido das suas ações” (AMORIM, 2001, p. 85-86).

A ação especificamente importante para a Sociologia Compreensiva é um comportamento, no qual: (a) o sentido subjetivamente visado do ator se relaciona com o comportamento de outros; (b) por meio dele codetermina, em seu curso, a relação de sentido; (c) cujo sentido subjetivo visado também é explicável de maneira compreensiva (SCHLUCHTER, 2014, p. 201). A ação social entendida como comportamento humano é, portanto, o objeto da sociologia, independente de se tratar de um fazer interno ou externo, permissão ou omissão, quando e na medida em que este comportamento esteja interligado com um sentido subjetivo, representante de determinados valores, validades, que se tornam a causa de uma ação (Idem, 2014).

Para explicar as ações sociais, segundo Weber, é preciso compreendê-las como fatos cheios de sentido, isto é, como algo que se relaciona com outros fatos e somente em função disto é que podem ser compreendidas (TOMAZETTE, 2008). Assim sendo, pode-se definir, uma vez mais, o método da sociologia compreensiva como aquele que procura entender (compreender³) o sentido que as ações sociais de um indivíduo contêm⁴ e não apenas o aspecto exterior dessas mesmas ações (Idem, 2008). Para a sociologia weberiana, mais que explicar a realidade social, era necessário que o pesquisador, fazendo uso de sua subjetividade, pudesse compreender as motivações individuais, realmente íntimas, dos indivíduos ao agirem (LACERDA, 2016)

De acordo com Weber, não é possível captar todos os sentidos das ações sociais em uma realidade social, mas somente uma parte dessa realidade (DA PAIXÃO, 2012). Complementando, o pensador aponta que não se pode analisar uma ação social isoladamente, mas sim a partir de seus nexos com outras ações, nas suas conexões singulares e de maneira relativa (TOMAZETTE, 2008).

A tentativa de compreensão das ações sociais é um processo subjetivo, onde, sempre, estarão presentes os valores do investigador. Em função deste aspecto,

³ Pode ser entendida como **compreensão**, a apreensão interpretativa do sentido ou da conexão de sentido de um fenômeno frequente, a busca por entender quais são as intenções subjetivas dos agentes. Compreensão é a capacidade de compreender, entender ou assimilar algo, sendo um processo cognitivo, ou seja, relativo ao conhecimento, onde é necessária a interpretação de determinada coisa para que seja apreendida pelo indivíduo (<https://www.significados.com.br/compreensao/>). Na Sociologia Compreensiva de Max Weber, é essencial captar o conteúdo, o sentido das ações sociais humanas impresso pelos sujeitos praticantes (TOMAZETTE, 2008).

⁴ O **conteúdo** pode ser compreendido como aquilo que está contido ou encerrado em algo ou aquilo de que algo é constituído. A oposição conteúdo/forma serve a analogia entre significado (conteúdo) e significante (forma). A forma de apresentar uma mensagem é a estrutura (é como se diz), o conteúdo, por sua vez, é a unidade de sentido da mensagem (é aquilo que se diz) (<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/conteudo>).

Weber construiu a “neutralidade axiológica”, para que, neste processo subjetivo de análise do investigador, não fosse comprometida a objetividade do conhecimento (DA PAIXÃO, 2012). Veremos, na sequência, do que se trata este constructo.

1.4 A neutralidade axiológica

Na obra de Max Weber e, por conseguinte, na sua vida individual, a neutralidade axiológica⁵ ou precisamente, a “isenção de valores” (*Wertfreiheit*) assume um papel fundamental e, por sinal, onipresente, em seus postulados teóricos (PEREIRA, 2013). Weber acreditava ser esta uma das características essenciais do trabalho científico (MATA, 2010).

Na época de Weber, o uso da objetividade em contraposição à subjetividade era uma aspiração intelectual no campo do positivismo do século XIX e significava a independência completa dos valores e posições do investigador, denotando, basicamente, a análise pura de um objeto, sem intermediários (PEREIRA, 2013). Assim agindo, a compreensão dos fenômenos sociais e políticos, em termos científicos, só teriam validade a partir do momento em que o cientista social abnegasse de seus valores e concepções pessoais, realizando uma análise precisa de um determinado fenômeno, sem mediações e não influenciado por ideologias (Idem, 2013).

Na conjuntura da época de Max Weber, no contexto histórico-cultural da República de Weimer na Alemanha, instaurada logo após a Primeira Guerra Mundial, havia uma hegemonia das Ciências Naturais e do Positivismo, com as universidades alemãs sendo impregnadas de ideologias e de profissões de fé em relação à política e à religião (PEREIRA, 2013). Em função disto, Weber buscou valorizar um conhecimento objetivo, longe de juízos de valores e comprometido com a realidade concreta, ou seja, com a neutralidade científica (Idem, 2013).

No entanto, Weber sempre problematizou a ideia de objetividade, colocando-a em discussão (MATA, 2010). O próprio Max Weber afirmava que a neutralidade seria impossível nas ações humanas, uma vez que estas sempre são motivadas por uma razão (racionalismo) (CORRÊA, 2021). Deve-se reconhecer o avanço intelectual de Max Weber, em sua tentativa, mesmo que cheia de falhas e lacunas teórico-metodológicas, de defender a isenção de valores, justificando a possibilidade de distanciamento dos tratamentos convencionais, ingênuos e acrílicos, através da

⁵ A **Axiologia** é a Ciência dos Valores ou, mais adiante, um ramo científico que, para além das questões valorativas, preocupa-se em elaborar um conhecimento, por assim dizer, objetivo. Analisando a axiologia do ponto de vista prático e não somente teórico, conclui-se, de fato, que é uma proposta de difícil aplicação (VIANA, 2007).

adoção da neutralidade axiológica (PEREIRA, 2013).

No processo subjetivo de investigação da realidade, para não comprometer a objetividade do conhecimento, segundo Weber, o pesquisador deve “levar em conta os seus próprios valores” na interpretação das ações sociais, isolando-os, identificando-os, e não os atribuindo a aqueles que efetivamente praticam a ação social analisada (DA PAIXÃO, 2012, p. 119). Weber pregava uma separação entre os valores alimentados pelo investigador e suas conclusões na pesquisa científica, significando uma contenção dos próprios julgamentos, para que os dados obtidos permanecessem bem claros, tanto em face de fatos desejados, como daqueles ditos desconfortáveis (TOMAZETTE, 2008). No propósito de compreender verdadeiramente a ação dos homens, Weber defendia que o cientista social deveria evitar a contaminação do conhecimento científico obtido com os “resíduos” valorativos dele próprio, mantendo um distanciamento com o objeto analisado (Idem, 2008).

Em relação às orientações teórico-práticas da neutralidade axiológica, o próprio Weber afirmava que não poderia existir qualquer análise objetiva “pura” da vida cultural, uma vez que seria impossível conseguir independência de certas perspectivas especiais e parciais que já estariam condicionadas no próprio processo de escolha do objeto da pesquisa e já vinculadas aos valores do investigador (TOMAZETTE, 2008). No entanto, segundo Weber, o que se deve buscar é uma postura que não comprometa os resultados da investigação, ou seja, que não esteja contaminada com valores pessoais preconcebidos (Idem, 2008). As perguntas da investigação são, verdadeiramente, oriundas da perspectiva do pesquisador, mas, as respostas devem constituir-se livres de julgamentos ideológicos (WEBER, 2006).

Como já foi dito anteriormente, Max Weber apontava que a sociedade não é superior ao indivíduo, ou uma estrutura que se impõe. A realidade social apareceria como uma “teia” formada pelas relações entre os indivíduos. Na sociologia compreensiva, caberia ao sociólogo estudar qual é o sentido que o indivíduo confere à ação que executa, sendo estes sentidos infinitos. Neste processo, não haveria “leis gerais” que orientariam ou determinariam previamente as interações sociais, uma vez que estas não existem. (DA PAIXÃO, 2012).

No desenrolar das ações compreensíveis também penetram elementos não compreensíveis que podem apenas ser observados, segundo Weber (SCHLUCHTER, 2014). O observador, neste caso, nem sempre pode reconhecer o verdadeiro motivo do observado, seja porque os motivos da ação estão ocultos, seja porque o motivo da ação é inacessível ao próprio observado-ator. Weber, portanto, privilegia na investigação, as “conexões de sentido racionalmente compreensíveis

da ação” (Idem, 2014, p. 204).

Max Weber entendia a Sociologia como uma ciência que explica porque o comportamento das pessoas é exatamente de uma forma e de nenhuma outra forma (SOUZA, 2021a). Este teórico afirmava que as “cabeças” das pessoas poderiam estar “cheias de ideias”, mas o que importava, para o analista social, era como elas se comportavam. Como as pessoas estão imersas em uma determinada cultura, e para Weber, toda cultura tem um racionalismo, ou seja, uma forma de perceber o mundo nas três dimensões possíveis, quais sejam: em relação à subjetividade, ao mundo externo e a dimensão moral, as formas como as pessoas se comportam em relação a essas três formas ou dimensões vão dizer quem elas são (Idem, 2021a).

Para Weber, o ser humano é construído pela sociedade e não um indivíduo atomizado. As formas como o ser humano percebe o mundo são construções sociais e para que isto aconteça, é fundamental a interveniência das instituições, que permitem ao investigador estudar e compreender qual é o racionalismo específico de cada cultura. Veremos em seguida, o que são as instituições, na visão de Max Weber.

1.5 A ligação macro-micro-macro no método da Sociologia Compreensiva

O sociólogo estadunidense James Coleman defendeu que o estudo de Max Weber, “A ética protestante e o espírito do capitalismo”, escrito em 1904-1905 e revisto em 1920, pode ser considerado um modelo explicativo viável na Ciência Sociológica, por fazer a necessária ligação “macro-micro-macro” (SCHLUCHTER, 2021). Com este estudo e usando desta metodologia, Weber foi bem sucedido aderindo ao Individualismo Metodológico para explicar os fenômenos macroestruturais na sociedade (Idem, 2021). Esta metodologia possui algumas premissas importantes, sendo as principais apontadas a seguir (SCHLUCHTER, 2021; DA PAIXÃO, 2012):

a) para escapar dos “problemas de fundo” envolvidos na compreensão das ações, Weber privilegia o esquema interpretativo de tipo racional final⁶, pragmática e objetiva, na qual os atores se encontram, em outras palavras, as “conexões de sentido racionalmente compreensíveis das ações” (SCHLUCHTER, 2021, p. 204).

b) para Weber, o indivíduo é sempre portador de uma racionalidade, em maior ou menor grau, uma vez que ele atribui sentido à sua ação. A ação, portanto, é

⁶ Na Sociologia Compreensiva de Max Weber, existem os “Tipos Ideais” que são teorizações, idealizações, construções mentais feitas pelo investigador para a análise das ações sociais. A “**ação social racional com relação a fins**” é aquela onde o indivíduo age tendo em vista os meios mais adequados para alcançar os fins desejados, de forma racional (DA PAIXÃO, 2012).

dotada de intencionalidade.

c) no entanto, Weber também admite as interpretações psicológicas, ou seja, em relação ao ator da ação vai haver uma racionalidade subjetiva final e uma racionalidade subjetiva valorativa. Junto da compreensão pragmática vai existir a compreensão psicológica, com motivos racionais e motivos irracionais.

d) o indivíduo age levando em consideração o comportamento dos outros e as normas sociais institucionalizadas na sociedade (formais e informais⁷).

e) a legitimidade ou legitimação é o processo de obedecer às normas sociais institucionalizadas, formais e informais, guiando o comportamento (conduta) pela existência delas, em função do temor pela punição que elas impõem e em função do convencimento de que elas são verdadeiras.

f) as pessoas que exercem a dominação, ou seja, que conseguem impor a sua vontade, que contam com a obediência daqueles que teoricamente devem obedecer, são capazes de ditar as normas sociais, institucionalizando-as, por fim, legitimando-as.

g) Weber demonstrou que a cultura possui uma força viável a fim de fazer surgir novas culturas que interajam com as estruturas. Esta combinação foi possível de ser analisada através da sua visão de “Afinidade Eletiva⁸”. Para Weber, não é a cultura que produz a estrutura, nem a estrutura que produz a cultura. Elas possuem causas independentes e interdependentes, ou seja, afinidades eletivas. Sempre deve ser necessário fazer uso da análise bilateral e não unilateral.

h) Max Weber chamou de “Racionalização”, “Secularização” ou “Desencantamento do Mundo” ao processo da Sociedade Moderna, na sua ordem social, na organização da vida com base nas normas sociais institucionalizadas, de abandono das concepções mágicas, tradicionais, religiosas, acríticas, para adesão às formas baseadas no conhecimento técnico, científico e burocratizado para alcançar os fins desejados.

A racionalização, segundo Max Weber, pode ser positiva, quando torna a sociedade mais organizada e inteligível para as pessoas ou negativa, quando

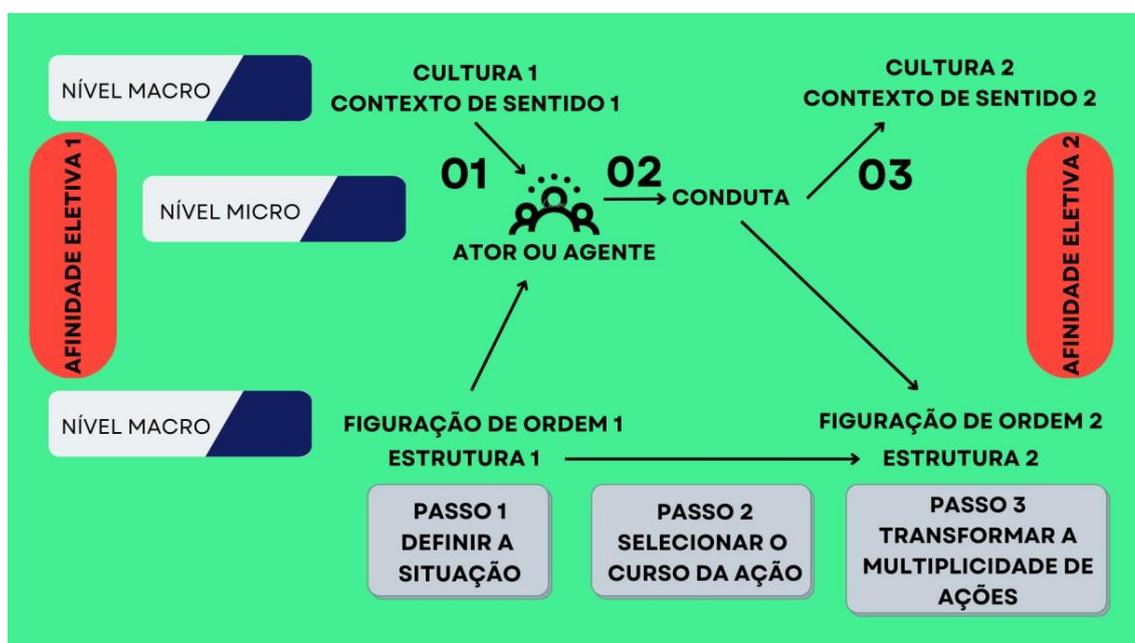
⁷ As **normas formais** são as leis, as **normas informais** são os costumes. Os indivíduos produzem leis e costumes, sendo orientados por ambos, e ainda, sendo produtores e produtos das normas sociais. As normas sociais formais produzem o modo de agir em sociedade, ou seja, com base nas leis. As normas sociais informais produzem o modo de agir em comunidade, com base nos costumes (DA PAIXÃO, 2012).

⁸ A **Afinidade Eletiva** é um constructo criado por Max Weber através do qual ele afirma que não é a interpretação da causa de dois fenômenos que causam um ao outro. A afinidade é um tipo de correlação entre dois fenômenos. A correlação não causa a interpretação. Os dois fenômenos podem surgir juntos, mas isso não significa que um fenômeno foi causador do outro (SCHLUCHTER, 2021). A noção central para a interpretação dessa complexa multicausalidade dos fenômenos, através dos principais elementos da conduta prática, analisados pela afinidade eletiva (*Wahlverwandschaft*), está presente no “tratamento das relações de reciprocidade entre as diversas esferas da sociedade, sem reduzir uma como simples função de outras”. Ao invés de necessidades ou funções refere-se Weber sempre a “chances” ou “probabilidades” (SOUZA, 2021b, p. 64).

exagera no número de regras e normas, quando inibe a criatividade e a inventividade dos indivíduos, retirando sua autonomia e aprisionando os sujeitos em uma “jaula de ferro”, ou seja, ao simples cumprimento de regras, perdendo o sentido das ações e a liberdade (DA PAIXÃO, 2012).

O modelo explicativo “macro-micro-macro”, adotado por Max Weber, onde estão presentes as premissas descritas anteriormente, pode ser resumido na imagem nº 1 a seguir.

Imagem 1 – Descrição resumida do modelo de explicação da formação dos fenômenos macro- estruturais a partir da análise aprofundada dos processos micro- estruturais, segundo Max Weber.



Fonte: elaboração própria a partir dos estudos de Wolfgang Schluchter (2014).

A partir das descrições da imagem nº 1, pode-se desenvolver a seguinte explicação do modelo teórico de Max Weber sobre como se formam, no decorrer dos contextos históricos, os fenômenos institucionais macroestruturais nas sociedades e, como eles podem ser analisados sociologicamente (SCHLUCHTER, 2021, 2014):

- a relação existente entre dois fenômenos macroestruturais não é direta. O estudo desta relação é alcançada através da análise microestrutural.
- é preciso desviar, do nível macro para o nível micro e, depois, do nível micro novamente para o nível macro.
- é preciso formular um “problema de análise”, em três passos: (1º) definir a situação, que é a ligação macro-micro, onde há uma cultura 1, um contexto de sentido 1, que figuram uma ordem social 1 e uma estrutura macrosocial 1. A

- ligação macro-micro é realizada por meio da internalização e pela sanção das pessoas, de atores, de agências. No processo de socialização e educação, são gerados certos valores em seus adeptos; (2º) é preciso selecionar um curso de ação, que é a ligação micro-micro, onde o ator ou agente, atores e agentes, apresentam motivações, tipos de condução da vida (conduta) em coletividade. Indivíduos com certos valores citados no passo 1º adotam certos tipos de orientação para o comportamento (conduta) como um “dever de vocação”; (3º) a ligação micro-
- macro é representada por uma nova legitimação, necessária para um novo cancelamento e para que uma nova apropriação dos meios de produção e coisas do tipo, possam ser alcançadas. Certas orientações para o comportamento, citadas no passo 2º, da parte dos indivíduos, com diversas ações combinadas, ajudam a trazer uma organização na sociedade. Com as novas condutas legitimadas, há a formação de uma cultura 2, um contexto de sentido 2, que figuram uma ordem social 2 e uma estrutura macrossocial 2, havendo uma multiplicidade de ações nestes fenômenos macro.
 - Segundo Weber, o ator ou agência é o ponto fundamental para a conexão entre o nível macro, em primeiro nível (cultura 1; estrutura macrossocial 1) com o nível macro, em segundo nível (cultura 2; estrutura macrossocial 2) (SCHLUCHTER, 2021). Os atores mediam as relações macro-macro, em outras palavras, os fenômenos estruturais, fenômenos estes mediados, como dito, na forma de atores, sejam eles indivíduos ou coletividades, ou de estratos de classe, ou de classes inteiras. Os atores são, portanto, tomadores de decisão e perseguem seus interesses pessoais, fazendo isso, até certo ponto, de uma forma racional. (Idem, 2014).
 - É importante destacar aqui, que qualquer ação do ator tem não apenas consequências intencionais, mas também consequências não intencionais ou imprevistas. Isso pode promover tanto o bem comum, como destruí-lo. E ainda, os planos dos atores nunca se materializam totalmente (WEBER, 2006).
 - A Sociologia Compreensiva de Max Weber visa oferecer explicações baseadas no estudo aprofundado a nível microestrutural, no contexto de análises de múltiplos níveis e bilaterais (como se dá o controle, como se processa a dominação, institucional e estrutural) (SCHLUCHTER, 2021). Estes múltiplos níveis são inter-relacionados em macro e micro, pela ação de atores que possuem orientação e são capazes de coordenação⁹ (Idem, 2021).

⁹ Para Max Weber, dois ou mais atores estão conectados entre si, por modos de **coordenação da ação**, realizando interações, pelas formas de usos, costumes, interesses e crenças na validade e na verdade. Por sinal, a dominação sempre vai estar conectada à crença na validade. (SCHLUCHTER, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz parte da natureza do conhecimento, gerar o desconhecimento. Quanto mais o conhecimento avança, mais desconhecimento gera. Por suposto, gerar novos conhecimentos significa também gerar a capacidade de fazer novas perguntas que antes eram impossíveis de ser feitas. Os conhecimentos são “amplificadores da realidade”, que aumentam nossa capacidade de questionamento da visão que temos sobre a realidade que conhecemos e sobre o mundo. As perguntas produzidas, portanto, são capazes de fazer avançar a busca pelo conhecimento.

O fato de que a ciência não seja capaz de responder a todas as perguntas criadas não significa que ela seja débil ou que seja um fracasso da racionalidade humana, pelo contrário, significa que o método científico possui suas limitações e que somente é capaz de lidar com determinados tipos de questionamentos. Podemos concluir, então, que o desconhecimento é infinito. A curiosidade que manifestamos a respeito de determinados fenômenos que fazem parte de nossa vida social nos possibilita perguntar sobre o “novo”, fazendo o conhecimento aumentar, assim como também aumentar o desconhecimento.

À medida que ganhamos conhecimento, temos que nos tornar humildes frente ao que ainda permanece desconhecido. Isto enriquece a ciência e contribui no propósito de dar sentido à vida, justamente através da busca pelo conhecimento. Fazer perguntas sobre algo que não conhecemos, por tanto, nos faz crescer. Crescemos quando perguntamos. Perguntar é nossa maior forma de crescimento, como seres humanos, como cidadãos, como parte dos elementos do planeta. A curiosidade e o sentido de “mistério” são capazes de nutrir o crescimento do ser humano.

Neste processo de maturidade humana, compreendemos que a ciência não é a verdade absoluta, senão uma aproximação da verdade. A ciência constrói narrativas explicativas da realidade compreensível, que vão modificando e se autocorrigindo ao longo do tempo. O conhecimento, portanto, sempre será incompleto e imperfeito. Nessa busca, como investigadores, parece ser sempre por novos “cenários viáveis”, porém nunca por uma resposta final e definitiva. O desconhecimento estará sempre presente nesse caminho interminável.

Em se tratando das Ciências Sociais, da Sociologia, principalmente no contexto da América Latina, encontramos ao longo das décadas um campo de estudo privilegiado de oportunidades para nos ajudar na compreensão das “verdades visíveis” e das “verdades ocultas”, por exemplo, em relação ao complexo

processo da real formação de nossas sociedades, da construção das comunidades latinoamericanas contemporâneas, amplamente exploradas e marginalizadas pelas elites econômicas internacionais e nacionais, parceiras dos sistemas de governo estatais, que por sua vez, são aliados aos mercados capitalistas estrangeiros, de natureza financeira-especulativa, que manipulam as políticas de educação, de economia, as políticas sociais, principalmente, para manter sua posição dominante de poder. Particularmente, a educação e a comunicação de massa na América Latina têm sido escorchadas, de maneira frequente, e utilizadas fortemente como mecanismos de manutenção da ordem social imperialista, extrativa e excludente, através da ideologia das elites dominantes.

Na procura por respostas nesse sentido, este estudo teve como propósito, a partir da perspectiva da Sociologia Compreensiva de Max Weber, compreender os principais elementos das condutas práticas de determinados atores da sociedade brasileira, que criaram e legitimaram fortes processos estruturados de dominação e de exploração de uns indivíduos sobre os outros, ao longo do processo histórico. Fazendo uso de uma revisão de literatura, a presente investigação foi construída e pautada nas publicações que tiveram como foco de atenção o tema da dominação social, que fundamentou a criação de estruturas de desigualdade social, efetivamente aplicadas no Brasil. Tendo como alicerce o núcleo firme desta investigação, portanto “qual seria o processo primordial de dominação social criador de desigualdades sociais na sociedade brasileira?”. Esta pergunta foi a base de nossa curiosidade acadêmica.

Neste processo, compreendemos que a dinâmica global das transformações sociais ocorre, simultaneamente, pela ação de forças externas e internas, umas interagindo e influenciando as outras, em um movimento complexo e interminável. Na ânsia de compreender as dinâmicas internas das instituições sociais articuladoras da vida social brasileira, vimos o quanto esta se encontrava permanentemente influenciada pelas ações e reações do grande sistema macrosocial vigente no Brasil, herdado da escravidão, se constituindo na realidade, como a verdadeira gênese da sociedade brasileira desigual, e da estratificação de classes (ou castas) baseada no racismo estrutural, somadas às inúmeras influências psicossociais e sociológicas do contexto microsocial solidamente criado nas comunidades populares, retratando a forte construção e manutenção do poder elitista dominante sobre as pessoas pobres e vulneráveis.

Os indivíduos pertencentes às classes sociais tornadas marginalizadas e excluídas do país sofrem, fortemente, como vítimas cotidianas, das mazelas provenientes do racismo multidimensional, ou seja, do racismo de raça, de gênero,

de classe e de cultura a eles direcionado. Analisamos e concluímos, através deste estudo, que as elites dominantes, produtoras da ideologia, fabricam histórias imaginárias que nada mais são do que uma forma de legitimar a sua dominação. Desta forma, compreende-se por que a história ideológica vai ser sempre uma história narrada do ponto de vista do vencedor ou dos poderosos.

Não possuímos acesso à história dos escravizados, nem dos colocados à servidão eterna, nem a dos trabalhadores vencidos. Não só suas ações não são registradas pelos historiadores e intelectuais, mas também os dominantes não permitem que restem vestígios dessa história, praticando, portanto, o genocídio.

Os vencedores ou poderosos são transformados em únicos sujeitos da história, não só porque impediram que houvesse a história dos vencidos, mas simplesmente porque sua ação histórica consiste em eliminar fisicamente os vencidos, ou, então, se precisam do trabalho deles, eliminam sua memória, fazendo com que se lembrem apenas dos feitos dos vencedores. Não existe direito à memória para os negros, nem para os índios, nem para os camponeses, nem para os operários trabalhadores no Brasil.

Agregamos que nosso estudo tem o valor de sistematizar um importante trabalho que vem sistematizar, dentro das nossas visíveis limitações cognitivas e de acordo com as nossas possibilidades de alcance intelectual em função da riqueza do material estudado, as principais estratégias utilizadas pelas elites no seu largo processo histórico de construção e legitimação da dominação social, produtora da desigualdade social aberrante no Brasil. O texto construído, aqui apresentado, parece dar conta de um trabalho não somente intelectual e pedagógico, mas também, antes de tudo, político e social.

Esta investigação aponta resultados que necessitam de ser estendidos com novos parâmetros, mais além das condições manejadas até este momento, com vistas a alcançar magnitudes mais amplas. Desta maneira, estariam sendo incentivados outros estudos em relação a alguns pontos, como por exemplo, o refino e o aprofundamento nas obras de autores brasileiros e latinoamericanos, que dedicaram sua vida intelectual para a análise da dominação social sofrida pelos povos colonizados.

É difícil considerar totalmente concluído este trabalho de investigação em um sentido literal, posto que o número de exemplos e situações analisados, bem como o escopo das obras estudadas, poderiam ser ampliados e refinados, com novos estudos tão interessantes e importantes como os já detalhados. No entanto, cremos que, chegado a este ponto, compreendemos que obtemos todo o possível do nosso método de coleta de informações e concluímos que foi cumprido o objetivo principal

de aportar evidência teórica e empírica, a partir da análise das obras de grandes intelectuais decoloniais e contra-hegemônicos, sobre o processo epistemológico de construção da dominação social criadora de distinções e de desigualdades sociais, com foco na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Aluizio Batista de. **Elementos de sociologia do direito em Max Weber**. Florianópolis: Insular, 2001.

CORRÊA, Elói. **Sociologia da religião**. Curso de Bacharelado em Sociologia, Centro Universitário Internacional – UNINTER. Curitiba: UNINTER, 2021.

DA PAIXÃO, Alessandro Ezequiel. **Sociologia geral**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. **Introdução à sociologia política**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

MATA, Sérgio da. **O dever-ser é coisa do Diabo? Sobre o problema da neutralidade axiológica em Max Weber**. Revista Dimensões, 2010.

MOSCAL, Janaína & FRIGO, Simone. **Algumas questões de antropologia contemporânea**. Curitiba: Intersaberes, 2020.

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte. **A neutralidade axiológica em Max Weber à luz do pensamento histórico: crítica e convergência de um debate**. Anais do III Simpósio Nacional de História da Universidade Estadual de Goiás, 2013.

RIBEIRO, Alessandra Stremel Pesce. **Teoria e prática em antropologia**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

SCHLUCHTER, Wolfgang. **O desencantamento do mundo: seis estudos sobre Max Weber**. (Traduzido do alemão por Carlos Eduardo Sell). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

_____. **Para compreender Max Weber**. Curso online. Instituto Conhecimento Liberta – ICL; Universidade de Heidelberg, 2021.

SOUZA, Jessé. **Sociologia para compreender o Brasil**. Curso online. Instituto Conhecimento Liberta – ICL, 2021a.

_____. **Patologias da modernidade: um diálogo entre Habermas e Weber**. 2. ed. Curitiba: Kottter Editorial, 2021b.

_____. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021c.

_____. **Grandes pensadores: a formação do senso crítico como cidadão**. Curso online. Instituto Conhecimento Liberta – ICL, 2021d.

_____. **Classes sociais no Brasil**. Curso online. Instituto Conhecimento Liberta – ICL, 2021e.

_____. **A guerra contra o Brasil: como os Estados Unidos da América se uniram a uma organização criminosa para destruir o sonho brasileiro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2020.

_____. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

brasileiro. Rio de Janeiro: Leya, 2018.

_____. **A tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite**. Rio de Janeiro: Leya, 2015.

_____. (Org.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2006.

TOMAZETTE, Marlon. A contribuição metodológica de Max Weber para a pesquisa em ciências sociais. **Revista *Universitas Jus***, v. 17, jul/dez, 2008, pp. 23-53.

WEBER, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

_____. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. (Traduzido do alemão por Régis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa). 4. ed. Brasília: UNB, 1998.

WILKERSON, Isabel. **Casta: as origens de nosso mal-estar.** (Traduzido do inglês por Denise Bottmann e Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.